

DIÁRIOS COLABORATIVOS DE FORMAÇÃO: A CO-CONSTRUÇÃO DE SABERES PROFISSIONAIS PELA PLURALIDADE DE SENTIDOS

Deolinda Ribeiro, Luisa Claro & Sónia Nunes

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto – Portugal

ribeirodeo@ese.ipp.pt

Introdução

O enfoque do nosso texto centra-se na problematização do valor formativo e investigativo do diário colaborativo na supervisão pedagógica. Partindo de uma experiência, desenvolvida na formação inicial de educadores de infância em ano de estágio pedagógico, as autoras deste texto, formandas e formadora, defendem o uso do diário colaborativo como estratégia de formação potenciadora do desenvolvimento dos saberes pessoal e profissional. O diário colaborativo, enquanto narrativa reflexiva dialogada entre os actores de formação, é percebido como um meio privilegiado para aceder à compreensão do modo como cada um pensa e interpreta as experiências vividas nos contextos educativos. É a dimensão colaborativa da reflexividade na escrita do diário, bem como o desenvolvimento de formas de indagação sobre a prática que favorecem a co-construção de saberes profissionais.

Após uma breve abordagem às finalidades do desenvolvimento profissional dos educadores de infância e à relevância do acto de escrita como forma de atribuir significado à acção pedagógica, as autoras descrevem a metodologia desenvolvida na construção do diário colaborativo, no seu próprio contexto de formação, procurando evidenciar as potencialidades da narrativa de reflexão partilhada, no desenvolvimento dos saberes profissionais.

1. Finalidades da formação em contexto de supervisão pedagógica

Nas últimas décadas a investigação desenvolvida na formação de professores e educadores têm sido suportadas em abordagens reflexivas da formação, pelo interesse em identificar e teorizar as dimensões que caracterizam o desenvolvimento de práticas profissionais reflexivas, e as condições e o modo como estas emergem nos contextos educativos e de formação (Estrela *et tal.* 2002; Lopes, 2004). Muitos estudos têm evidenciado que um tipo de abordagem, reflexiva e indagatória, se apresenta como um processo privilegiado da construção de conhecimento e de desenvolvimento profissional, quando na interacção reflexiva com os pares e formadores, alia a reflexão sistemática à intenção de melhorar as práticas pedagógicas da formação e de investigação (Moreira, 2005; Ribeiro, 2006a). A transformação de práticas na formação assenta também numa dimensão interpessoal que se estabelece na interacção dialéctica entre os sujeitos e que constitui um *continuum* de oportunidades para conhecer, pensar e aprender os próprios mecanismos do conhecimento e da aprendizagem, ou seja, para “produzir e construir conhecimento, desenvolver e construir a própria identidade” (Tavares, 1992. 26).

Neste alinhamento, na formação de professores e educadores em contexto de supervisão pedagógica a melhoria da qualidade da educação está intimamente articulada com a transformação da cultura de formação, o que nos remete para a compreensão da necessidade de uma reflexão partilhada sobre as experiências das práticas educativas e formativas, enquadrada por valores universais, e direccionada para a construção de discursos intersubjectivos sobre e para a prática docente e supervisiva (v. Moreira, 2005, Durães & Silva, 2006; Vieira, 2005, 2006; Ribeiro, 2006a; 2006b). É neste quadro que nos situamos, procurando estudar as potencialidades dos diários colaborativos, enquanto narrativas escritas dialogadas, na co-construção de saberes que fomentam o desenvolvimento da identidade e o conhecimento profissional do educador de infância.

2. A escrita como narrativa profissional colaborativa

Na formação de professores e educadores, a escrita de narrativas profissionais como prática reflexiva de (auto)formação e de (re)construção identitária possibilita compreender melhor os processos e as condições mobilizadoras das transformações nos contextos formativos, bem como melhorar as representações que os sujeitos constroem de si no seu processo de formação. Tal como refere Josso (2002) o próprio acto de narrar pode ser percebido pelo seu autor como “um indicador do seu sistema de valores, das suas representações socioculturais, das suas referências de compreensão” (op. cit., 89), possibilitando expressar os seus saberes, as suas experiências, a sua subjectividade e a sua singularidade. A narrativa escrita, enquanto modo de compreensão das histórias de vida, nossas e dos outros, ajuda a compreender o modo como se experiencia o mundo, se cria e interpreta sentidos, se tomam decisões, se constrói e reconstrói a memória (Moreira & Ribeiro, 2006).

No contexto da supervisão pedagógica o *diário colaborativo*, enquanto narrativa sobre as experiências vividas, procura compreendê-las, tal como elas são percebidas pelos sujeitos, “numa tentativa, sempre inacabada, de compreensão da(s) sua(s) epistemologia(s) de acção” (Moreira *et al.*, 2006). É neste quadro de formação, que o discurso escrito, enquanto prática de reflexão partilhada, ganha especial relevo como estratégia formativa, visando compreender o significado que cada um atribui à acção do outro, procurando conhecê-lo no modo como pensa e interpreta a experiência vivida (Van Manen, 1990), favorecendo a transformação da acção profissional, assente numa epistemologia praxeológica (Sá-Chaves, 2000, 2002, 2003).

É nesta dialéctica entre a experiência vivida e a sua conceptualização que as narrativas reflexivas dialogadas entre formadores e estagiários podem constituir-se como um espaço de crescimento de todos os actores envolvidos no processo de formação, quando o potencial dos diferentes discursos assume a função indagatória sobre a prática pedagógica e supervisiva, e se orienta para a co-construção dos saberes profissionais.

3. Contexto e metodoloxía de construción do diário colaborativo

A estratexia de formación que aquí presentamos foi desenvolvida no contexto da formación inicial de educación de infancia na Escola Superior de Educación do Instituto Politécnico do Porto, no ano lectivo de 2006/2007, e situou-se na supervisión pedagóxica do estágio integrado do 4º ano. Os estagiários están organizados en pares de formación por cada sala ou grupo de crianzas, con una supervisora /educadora cooperante, constituindo una tríade¹ de *formación*.

A principal motivación subxacente ao uso do diário de reflexión colaborativa prende-se com a melhoria das prácticas de *formación* no estágio pedagóxico dos educadores de infancia, e com a progresiva consciencialización das formadoras sobre a necesidade de desencadear estratexias formativas que possam vir a potenciar a *transformación* da acción pedagóxica, pola vía de mecanismos de *reflexión crítica* e dialogada sobre as prácticas. Pretende-se articular as estratexias de formación de natureza reflexiva com a orientación pedagóxica, de modo a potenciar o desenvolvemento da autonomía dos aprendentes, onde o papel dos estagiários e das supervisoras se dirixe para a co-construción dos saberes pedagóxicos, asente no exercicio reflexivo dialogado sobre as representacións que constroem sobre as situacións educativas e formativas. Nesta orientación está tamén asociada a intención de crear, nos contextos de formación profesional, condicións que permitan aos estagiários co-construíren os seus saberes profesionais en colaboración com os seus pares e com a supervisora /educadora cooperante, através da avaliación reguladora das experiencias pedagóxicas, pola identificación de problemas e necesidades de aprendizagem, que fundamentem o (re)direccionamento dos procesos de formación na tomada de decisións para accións futuras (cf. Vieira, 2001). Na liña de Moreira (2005) este entendimento da avaliación reguladora dos procesos de aprendizagem inclui tamén a auto-avaliación de actitudes, representacións, crenças e coñecimentos, pola contribución de todos na co-construción de sentidos com vista à *transformación* intencional das experiencias educativas, elevando assim as posibilidades de sucesso dos procesos de formación.

No noso contexto, o diário colaborativo tem sido utilizado como una narrativa de reflexións persoais, dialogadas com os pares de formación e com as supervisoras /educadoras cooperantes. O documento está dividido em três entradas, una para cada um dos actores da tríade de formación profesional. Os registos são realizados duas veces por mês e incidem sobre una actividade pedagóxica desenvolvida por um dos estagiários, alternadamente. O estagiário observador participante é o primeiro a escrever um comentário interpretativo sobre a actividade observada, desenvolvida pelo colega, e sobre a interacción pedagóxica ocorrida com as crianzas. Posteriormente, o estagiário observado lê o registo do colega e faz a sua interpretação, reagindo tamén ao comentário escrito pelo primeiro. Por último, o registo passa para as mãos da supervisora /educadora cooperante que expresa a sua opinión, quer sobre a situación pedagóxica

¹ A definición de *tríade* que aquí se presenta baseia-se no concepto de *díade* definido por Bronfenbrenner (1979 in Portugal, 1992), quando o autor se refere à participación de duas persoas em actividades conjuntas e que prestam atención una à outra. No noso caso, são três persoas com estatutos e papéis diferentes que participan em actividades conjuntas na Prática Pedagóxica e prestam atención umas às outras.

observada, quer sobre as interpretações desenvolvidas pelos estagiários. A supervisora da instituição de formação é a última a ler o diário, no qual escreve também alguns comentários, interagindo no discurso escrito, clarificando-os posteriormente nos encontros de supervisão. Esta é uma ocasião de incentivo aos estagiários para novas problematizações sobre a acção educativa, visando fomentar o desenvolvimento da sua reflexividade crítica e, com isso, incentivar a que estes melhorem, não apenas o seu discurso pedagógico sobre as práticas, mas também as próprias práticas.

4. Percepções do diário colaborativo pela voz da *Sónia*

a. Construção dos saberes profissionais pelo confronto de ideias

Por todas as experienciais que cada uma de nós já viveu, pelas diferenças de personalidade, e nela, os valores e os saberes, entre outros, a emergência de diferentes perspectivas na reflexão dialogada no diário e sobre a mesma situação educativa era inevitável e desejável. O confronto das ideias permitia-nos a cada uma de nós retomar a reflexão sobre a acção, colocando-nos na perspectiva do outro e procurando, nesse exercício, melhorar a nossa própria compreensão sobre a prática pedagógica. Contudo, foram muitas as ocasiões em que o mesmo objecto de reflexão não era abordado no comentário escrito da educadora cooperante, perdendo-se assim, a oportunidade de acedermos ao modo como esta pensava acerca das situações que nos levantavam interesse reflexivo, com vista à melhoria do nosso saber profissional. Nestes casos, o confronto de ideias no diário ocorria apenas pelo diálogo escrito com o meu par de formação e, posteriormente, na reflexão verbal sobre ele com a supervisora da ESE, tal como podemos constatar no exemplo seguinte.

Data: 25 de Outubro de 2006

Actividade pedagógica: Reorganização do espaço e dos materiais na área de jogo da Expressão Plástica

Educadora estagiária observadora (SN)
“O que aconteceu foi que o grupo, desde o início, ficou excitadíssimo com a oportunidade de os explorarem [os materiais] e de os disporem no móvel (...) **Este factor contribuiu para que, durante a actividade, a FT tivesse uma grande dificuldade em geri-los e apelar à sua atenção para o que se desenrolava. Para isto acabou por contribuir o facto de [a FT] utilizar um tom de voz lento e demasiado permissivo, bem como alguma falta de atitude.** (...) creio que neste contexto, deveria ter assumido uma atitude mais firme e dinâmica, no sentido de cativar a atenção do grupo.”

Educadora estagiária observada (FT)
“Não creio que o desenrolar da actividade se pautasse por um clima «demasiado permissivo» ou «com falta de atitude» como refere a SN. Também não se centrou num clima simplesmente directivo, em que eu falava e as crianças ouviam.”

Educadora cooperante (AC)

Sem registo sobre este assunto

b. Desenvolvemento de competencias de construción de discurso pedagógico e de reconstrución de prácticas

A reflexión escrita dialogada apresentou-se-nos como um exercício reflexivo fomentador do desenvolvemento de um conjunto de competencias. Entre elas, destacámos o desenvolvemento das nossas capacidades de construción do discurso pedagógico, motivado pela necessidade de fundamentar e sustentar as as percepções de cada uma sobre a nossa acção, promoveu com isso, o desenvolvemento das nossas competencias argumentativas.

Data: 29 de Novembro de 2006

Actividade pedagógica: Experiencia de Meio Físico - flutuación dos corpos, “O ovo vai nu”

Educadora estagiária observadora (SN)

“A FT aproveitou e, na minha opinião, muito bem, o facto de uma das crianças ter afirmado que o ovo estava a flutuar para remeter para as experiencias realizadas anteriormente na sala – com os barcos de papel e com a casca de noz e anilha de ferro. No entanto, quis progredir na cientificidade da explicação e falou-lhes nos barcos de grande porte que, mesmo sendo pesados, flutuam no mar. Aqui, as crianças ficaram confusas. Creio que a FT poderia, por exemplo, ter perguntado se haviam [as crianças] já visto um barco com essas características. Em caso de resposta negativa, poderia, no meu entender, ter remetido para o meio próximo da criança (...).”

Educadora estagiária observada (FT)

“Usei o exemplo do barco por, dadas as suas características, ser um dos exemplos mais significativos da flutuación de corpos. Concordo com a SN quando salienta que, eu deveria ter «perguntado se haviam já visto um barco com essas características». “

Educadora cooperante (AC)

“ (...) a FT aproveitou o facto de uma das crianças ter afirmado que o ovo estava a flutuar para remeter para as experiencias realizadas anteriormente com barcos de papel, com a casca de noz e com o ferro. Na minha opinião foi pertinente esta questão de flutuación dos corpos, embora a explicação dada pela FT fosse «muito científica». Falou-lhes dos barcos de grande porte que, sendo muito pesados, flutuam no mar. As crianças não conseguiram relacionar a explicação dada com o conhecimento que têm do mundo e das coisas, ficando um pouco confusas. Este facto foi possível observar nos seus rostos, o que levou a um desinteresse por parte de algumas crianças.”

A reflexão dialogada também teve implicações no desenvolvemento das competencias de articulação entre a prática e a teoria que a fundamentava, bem como na compreensão dos princípios e valores educativos da prática que desenvolvíamos. Mais rico foi percebermos que essas competencias evoluíam pela análise da nossa própria acção, bem como pela análise da acção do outro.

Data: 09 de Janeiro de 2007

Actividade pedagógica: Exploração do poema “Gafanhoto”, de Maria Gracinda Sousa

Educadora estagiária observadora (FT)

“Após a conversa em grande grupo, depois do almoço, a SN deu oportunidade às crianças de escolherem a actividade que iriam explorar de seguida. (...) Na minha perspectiva, esta oportunidade de escolha por parte das crianças foi adequada, tendo em conta os seus interesses e motivações.

Educadora estagiária observada (SN)

“Tal como refere a FT, antes de iniciar a actividade, facultei a todas as crianças do grupo a possibilidade de decidirem quais seriam as actividades que queriam realizar. Isto aconteceu porque, por um lado considero que em contexto de jardim-de-infância devem haver vivências de valores democráticos, e por outro lado considero que para poder apreciar

Educadora cooperante (AC)

Sem registo sobre este assunto

poesia a criança deve estar devidamente sensibilizada para a mesma, desejar escutá-la e desejar compreendê-la segundo o conhecimento que tem do mundo. Penso que só assim é capaz de o sentir.”

Através da reflexão escrita dialogada foi-nos sendo possível, em tríade, regular a acção pedagógica e, conseqüentemente, promover transformações de prática, numa perspectiva de reflexão para a acção. Ou seja, tanto nós (educadoras estagiárias) como a educadora cooperante, após confronto e partilha de percepções sobre a acção pedagógica, conseguimos tirar implicações dessa reflexão avaliativa e repensar as estratégias para a acção futura.

Data: 12 de Março de 2007

Actividade pedagógica: Reflexão e registo com o grupo de crianças sobre as regras de convivência social em contexto de Biblioteca

Educadora estagiária observadora (FT)

“ [A SN] **apresentou uma cartolina (metade verde e metade vermelha) e referiu que na parte verde iria ser colocado o que “devemos fazer” e na parte vermelha “o que não devemos fazer”. (...) a escolha das cores da cartolina pela SN foi pessoal e influenciada por algumas convenções.** Contudo, poderia reforçar que essa escolha foi pessoal, ou mesmo aludir a situações do quotidiano em que o vermelho “proíbe” e o verde “permite”, como é o caso dos semáforos luminosos.”

Educadora estagiária observada (SN)

“Anteriormente à actividade reflecti com a educadora cooperante a dinamização da mesma. Aí referi-lhe que considerava adequado serem as crianças a escolherem as cores que deveriam atribuir ao “devemos” e ao “não devemos”. A mesma, depois de reflectir, considerou que poderia ser o adulto a fazê-lo. **Parti, portanto, para a escolha do vermelho e do verde, talvez numa escolha convencional, tal como refere a FT.** Poderia, portanto, ter escolhido o preto e o branco (cores opostas), sendo que estas cores poderiam fazer mais sentido para as crianças”.

Educadora cooperante (AC)

“A escolha das cores da cartolina por parte do adulto foi reflectida comigo antes da actividade. Sugerir que as cores poderiam ser escolhidas pelo adulto, tendo em conta duas cores opostas.

Penso que a SN poderia ter explicado esta escolha fazendo uma ligação com os semáforos, por exemplo. O vermelho seria proibido e o verde permitido, e assim ligar a situações do quotidiano.”

5. Percepções do diário colaborativo pela voz da Luisa

Quando, no início do ano, nos foi apresentada e explicada esta estratégia de reflexão, fiquei com a sensação de que seria um pouco a repetição do trabalho desenvolvido nas reflexões individuais ou mesmo na reuniões de equipa de estágio, ambos espaços privilegiados de reflexão sobre a nossa acção. No entanto, não demorou muito tempo até que começasse a compreender a diferença e a importância deste registo reflexivo e a complementaridade com que se articula com outros, sem retirar a relevância de cada um, mas antes ganhando o seu próprio espaço, o seu próprio valor e transformando-se numa mais-valia para a nossa formação. Nesta reflexão sobre o uso da estratégia do diário colaborativo e na sua influência no meu processo formativo em supervisão pedagógica, identifico algumas dimensões que passo a apresentar.

a. O valor da partilha de ideias e do confronto de opiniões na construção do saber profissional

Algumas questões relacionadas com as acções observadas não eram tão fáceis de identificar ou reflectir durante as actividades pedagógicas, principalmente para a pessoa que as dinamizava. Procurar estar atenta ao grupo em geral e a cada criança em particular, de forma a poder dar resposta a todas as crianças para que todas se sentissem valorizadas e escutadas, reflectir na própria acção, gerir o grupo, o tempo, o espaço e os materiais implicava um grande esforço, mas que eu sabia ser importante para aprender a ser educadora. Por esta razão, o contributo dos elementos da tríade foi, em todos os momentos, uma mais valia, uma vez que chamava a atenção para estes aspectos que, por vezes, eram desvalorizados inconscientemente. Frequentemente, após ler a entrada do registo de uma das diaristas, (par de formação ou educadora cooperante) percebia que estas tinham levantado questões extremamente relevantes, levando-me mesmo a pensar muitas vezes “como é que eu não tive este aspecto em atenção?” Outras vezes, a reflexão do meu par de estágio pedagógico incidia sobre determinadas situações de prática e as ideias que partilhava levavam-me a reflectir de uma forma diferente da inicial, e construir significados diferentes, ou semelhantes, mas mais aprofundados e fundamentados, tal como se pode constatar no exemplo seguinte.

Data: 26 de Fevereiro de 2007

Actividade pedagógica: Narração do conto “O Lobo e os 7 Cabritinhos”

Educadora estagiária observadora (JS)	Educadora estagiária observada (LC)	Educadora cooperante (SM)
Seria interessante quando iniciamos uma actividade deste género e, visto que são crianças com idades muito precoces, suscitar a curiosidade pelo conto antes de ser narrado (...), criar um imaginário que as transporta para o mágico e o fantástico dos contos.	(...) é uma estratégia que já me tinha ocorrido e que considero extremamente pertinente. Numa próxima situação semelhante, irei certamente colocá-la em prática, principalmente por que acredito que a exploração da capa e da contracapa podem ser estratégias bastante eficazes para motivar as crianças e despertar a sua curiosidade.	Sem registo sobre este assunto

Nem toda a partilha de ideias se baseou em sugestões e perspectivas concordantes, e por vezes, nem todas nós dedicava atenção ao assunto levantado pela outra, como se verificou no exemplo anterior, que não foi objecto de reflexão por parte da educadora cooperante. Embora muitas das perspectivas concordantes tenham sido um dos factores potenciadores do nosso desenvolvimento, os momentos em que eram confrontadas opiniões divergentes revelaram-se ainda mais ricos, na medida em que estimularam ainda mais a reflexão de cada uma, integrando a perspectiva das outras diaristas na construção de novos significados acerca das acções. O *feedback* da educadora cooperante na reflexão dialogada foi também um factor que favoreceu a transformação do nosso pensamento e, conseqüentemente, da nossa acção pedagógica, na medida em que era enriquecido e mediado por um aspecto fundamental e que, a nós estagiárias, ainda faltava, ou seja, a experiência profissional.

Um dos aspectos mais positivos, no nosso caso, foi o facto de este confronto, ainda que discordante, ter sido sempre feito de forma construtiva por parte das três diaristas. As intervenções eram sempre feitas no

sentido de ajudar as outras, e contribuir com o melhor que cada uma tinha para dar, o que tornou o processo de escrita extremamente gratificante. Na minha perspectiva, este espírito de co-construção de conhecimentos e de co-responsabilização das acções resultou num ambiente de entreatajuda, que senti como sendo fundamental para o meu crescimento enquanto futura profissional.

Data: 05 de Dezembro de 2006

Actividade pedagógica: Exploração do cartaz “A casa”

Educadora estagiária observadora (JS)

(...) penso que esta actividade tinha sido mais proveitosa se por exemplo em cada divisão da casa no cartaz de jogo constasse alguma peça que identificasse essa divisão. (...) desta forma penso que seria mais fácil para as crianças fazer as associações, pois mesmo com o cartaz completo de suporte foi complicado para o grupo preencher correctamente as divisões vazias.

Educadora estagiária observada (LC)

(...) o objectivo principal desta actividade era proporcionar a construção de conhecimentos sobre as diferentes divisões das habitações, assim como potenciar o desenvolvimento da linguagem, nomeadamente ao nível do enriquecimento lexical e articulação de novas palavras, e não a reprodução do cartaz original. Assim, não senti falta de mais “pistas” no jogo.

Educadora cooperante (SM)

O material realizado pela LC (...) possui várias peças o que permite à criança realizar escolhas e explorar a sua diversidade. O facto do cartaz da casa estar incompleto possibilitou às crianças o desenvolvimento da sua imaginação e criatividade, dando a oportunidade de completarem a casa de uma forma livre de acordo com a sua vontade.

O confronto de opiniões divergentes despertou em nós a necessidade de desenvolver competências ao nível da argumentação para justificar a perspectiva na qual cada uma de nós se situava, de forma a sustentar e fundamentar a opinião que cada uma expressava.

Data: 27 de Março de 2007

Actividade pedagógica: Exploração do jogo “Loto sensorial”

Educadora estagiária observadora (JS)

Um dos aspectos que se traduziu numa menos valia para esta actividade foi que o tempo de jogo para os dois primeiros grupos foi longo, não sendo possível a actividade ser realizada com todos os elementos do grande grupo. Embora o tempo de jogo da criança tenha que ser respeitado e o educador apoie cada intervenção é também um importante ter atenção ao tempo de jogo para que as crianças interessadas em realizar a actividade tenham essa oportunidade.

Educadora estagiária observada (LC)

(...) embora concorde com a JS quando ela salienta a importância de todos experimentarem o material, também acredito que foi mais proveitoso o respeito pelos ritmos de cada criança e o facto de ser dado tempo para uma verdadeira exploração e o grupo que não teve essa oportunidade, ter espaço para o fazer noutra altura do dia ou mesmo da semana, em que também os seus ritmos e interesses poderão ser respeitados.

Educadora cooperante (SM)

Sem registo sobre este assunto

Esta fundamentação não passava apenas pela observação e reflexão, mas também pela articulação com os referenciais teóricos que tínhamos adquirido e outros que fomos investigando ao longo deste *caminho*, uma vez que, frequentemente, sentimos a necessidade de procurar quadros conceptuais que nos ajudassem a compreender e clarificar as questões que emergiam da nossa prática. A meu ver, esta “necessidade” fez com que cada uma de nós fosse progressivamente mais consciente e reflexiva não apenas após a acção, mas

também antes e durante, o que contribuiu para que os nossos sabres de prática evoluíssem de forma mais segura e mais adequada.

b. A construção de significados gera implicações para acções futuras

Todo o trabalho de observação e reflexão não faria sentido se dele não retirássemos frutos e benefícios, ou seja, se dos resultados da nossa reflexão não retirássemos implicações para a nossa prática pedagógica. Na minha perspectiva, a construção de significados sobre as acções reflectidas foi o ponto central da construção dos diários, na medida em que foi ela que permitiu melhorar progressivamente a nossa acção, não apenas ao nível da postura profissional, mas também na gestão de todos os factores que influenciam a dinamização de uma actividade pedagógica ou qualquer outra acção educativa. Vejamos, então, o exemplo seguinte.

Data: 30 de Outubro de 2006

Actividade pedagógica: Actividade de culinária: Confeção de “Bolinhos de areia”

Educadora estagiária observadora (LC)

As crianças não observaram a entrada e a saída dos biscoitos no forno e **não tiveram a oportunidade de perceber a diferença entre o “antes” e o “depois”**. Pergunto-me se terão compreendido que os bolos que comeram ao lanche eram, de facto, os mesmos que confeccionaram de manhã, embora nós lhes tivéssemos dito que sim.

Educadora estagiária observada (JS)

Realmente uma das falhas desta actividade foi mesmo a parte final de envolver o grupo, que já estava a ficar cansado de estar naquele espaço, no acto de preparação dos bolinhos para irem ao forno. Já que tinha explicado às crianças que o nosso lanche seria mesmo aquela receita.

Educadora cooperante (SM)

Concordo com a LC quando diz ter sido uma falha nossa. O facto de as crianças não terem visto os biscoitos a entrarem e a saírem do forno, mas o tempo de atenção das crianças estava a chegar ao seu limite, o que não as permitiu observar esta fase da receita.

Retirar implicações para acções futuras favoreceu a transformação das situações educativas e levou à emergência de novos objectos de reflexão e de construção de significados, permitindo-nos reflectir sobre o nosso próprio crescimento, funcionando como um modo de avaliação reguladora do desenvolvimento dos saberes profissionais que estávamos a co-construir.

Sinto que no final foi possível verificar um aperfeiçoamento do método de trabalho e uma melhoria na qualidade das narrativas nos diários. As dificuldades iniciais foram sendo superadas e o trabalho começou a ser feito com o mesmo esforço inicial mas com mais à-vontade e com maior conhecimento e confiança, não só no nosso próprio trabalho mas também nos resultados que dele advinham. À medida que eu e o meu par de formação íamos desenvolvendo competências na construção dos diários, a entrada da primeira diarista foi ficando cada vez mais rica e mais completa, descrevendo todo o desenrolar da acção e reflectindo sobre os aspectos mais importantes daquilo que foi observado.

Data: 21 de Maio de 2007

Actividade pedagógica: Exploração da canção “O Palhaço”

Educadora estagiária observadora (JS)

(...) Nesta perspectiva irei comentar, neste ultimo diário, a sessão de expressão musical que a LC dinamizou e que consistiu em ensinar uma canção “O Palhaço” e na exploração da mesma.

Educadora estagiária observada (LC)

Uma vez que a JS **descreveu com grande riqueza e detalhe o desenvolvimento da actividade** e as minhas acções durante a sua dinamização, na minha perspectiva será mais pertinente e enriquecedor não as repetir e focar a minha reflexão em alguns aspectos que foram mencionados, nomeadamente **nas razões que sustentaram as minhas opções.**

Educadora cooperante (SM)

A actividade desenvolvida com o apoio da LC deu muito prazer ao grupo de crianças, exploraram sons e ritmos de forma espontânea.

Como consequência desse aperfeiçoamento, nos últimos diários, a segunda diarista sentia frequentemente que o que de mais importante havia a dizer já tinha sido referido, limitando-se àquilo que parecia ainda haver para dizer. Por esta razão, quando eu estava no papel da segunda diarista, comecei a sentir a necessidade de fazer uma análise crítica, indo para além do que parecia mais evidente e reflectindo sobre questões menos óbvias numa observação mais imediata. Assim, começaram a ser reflectidas questões que se prendiam com outros aspectos, nomeadamente com a forma com as diferentes áreas de conteúdos e de desenvolvimento eram trabalhadas com a acção observada e com as razões que fundamentam todo o desenvolvimento da acção e todas as opções tomadas pela educadora estagiária que a dinamizara. Na minha opinião, este facto contribuiu para aprofundar ainda mais a nossa reflexão e é uma prova do contributo da estratégia da reflexão dialogada que aprendemos a fazer, foi dar sentido às nossas acções e às acções dos outros, com quem interagimos.

Data: 27 de Março de 2007

Actividade pedagógica: Exploração do jogo “Loto sensorial”

Educadora estagiária observadora (JS)

Importa ainda referir que as crianças com NEE realizaram a actividade e a LC soube respeitar os seus ritmos como também teve o cuidado de atribuir texturas que cativassem essas crianças adaptando a actividade às necessidades de cada criança especificamente.

Educadora estagiária observada (LC)

No caso da AB, criança com paralisia cerebral, procurei ajudá-la a sentir a textura das peças, ajudando-a a abrir as mãos e a tocá-las. O meu objectivo, além da estimulação sensorial propriamente dita, era motivar esta criança para a exploração autónoma dos objectos, uma vez que a AB começa agora a tentar agarrar os objectos ou as pessoas pelas quais se sente atraída.

Educadora cooperante (SM)

Esta actividade orientada pela LC foi pensada de forma a responder às características de cada criança, estimulando a evolução do grupo. Foi-lhes dado ocasião de progressão a partir do nível em que cada criança se encontra.

Teve atenção às diversas reacções das crianças, foi receptiva e flexível encontrando respostas adequadas a cada situação.

c. O valor do diário colaborativo no desenvolvimento das dimensões do saber para a acção docente: saber-fazer, saber-estar e saber-ser

O trabalho que desenvolvemos ao longo deste ano com a construção dos diários colaborativos potenciou não só o nosso desenvolvimento ao nível profissional, mas também o desenvolvimento de competências pessoais e sociais. Nas reflexões individuais, o exercício reflexivo era pessoal, ou seja, a minha postura, o meu trabalho, as minhas interações e a minha acção pedagógica eram confrontadas apenas comigo própria. Podia não concordar sempre com aquilo que fiz, mas quando reflectia, à partida, estou de acordo com as minhas próprias opiniões e considerações. No entanto, no diário as minhas ideias eram confrontadas com mais duas pessoas que, não raras vezes, discordavam. A aceitação e o respeito pela opinião do outro tornaram-se, por isso, fundamentais. Deste modo, acredito que a construção dos diários colaborativos ao longo do nosso estágio pedagógico favoreceu não apenas o desenvolvimento do saber-fazer e do saber-estar mas também do saber-ser: *saber-fazer* associado às questões práticas da acção educativa, nomeadamente, a gestão do grupo de crianças, do tempo, do espaço e dos materiais; do *saber-estar* associado à postura e progressiva construção de uma identidade profissional e *saber-ser* que integra competências pessoais e sociais, que vão além do estar em educação de infância, nomeadamente, a capacidade de escuta e de aceitação do outro.

O facto de os diários terem favorecido o progressivo conhecimento do outro, e mais aprofundado foi uma das mais valias desta estratégia formativa. Ao partilhar o nosso modo de ver as diferentes situações pedagógicas facilitou-nos, em simultâneo, conhecer o modo como os elementos da tríade pensava. Esse conhecimento que fomos construindo das formas de trabalhar, de pensar, de ser e de estar de cada uma foi um precioso contributo para o trabalho em equipa e um factor que valorizou a nossa própria acção, tanto no sentido de trabalharmos todas para os mesmos objectivos, como o de percebermos quando o outro elemento da equipa precisava de ajuda ou de maior autonomia. Contudo, importa ainda referir o papel questionador e incentivador deste exercício reflexivo da nossa supervisora da ESE que, sendo a última a ler o discurso narrado pela tríade, levantava hipóteses para nova problematização das situações reflectidas e nos encaminhava para o aprofundamento da reflexão e busca de novos significados. Todo este vaivém a que os diários conduziram promoveu, na minha opinião, um importantíssimo efeito no desenvolvimento do saber-fazer, saber-estar e saber-ser, pela componente relacional e interactiva que esteve muito presente entre todos os envolvidos na nossa formação inicial.

Em jeito de conclusão, posso dizer que toda a evolução que sinto ser visível quando leio todos os nossos documentos desde o início do ano, torna indubitável constatar o nosso crescimento, não apenas individual, mas enquanto equipa educativa. Esse crescimento foi fruto de muito trabalho, o que torna inevitável um **sentimento de conquista**, que nos estimula a continuar a trabalhar com os outros e com os saberes dos outros, ou seja, a experiência de formação evidenciou-nos a relevância da pluralidade de sentidos na co-construção dos saberes pessoal e profissional.

Referências bibliográficas

- ESTRELA, M.^a; ESTEVES, M.^a; RODRIGUES, A. (2002). *Síntese da investigação sobre formação inicial de professore em Portugal (1990-2000)*. Cadernos de Formação de Professores, nº 5. Porto: Porto Editora.
- JOSSO, M-C. (2002). *Experiências de Vida e Formação*. Lisboa: Educa – Formação.
- LOPES, A. (2004). O estado da investigação portuguesa no domínio do desenvolvimento profissional e (re)construções identitárias dos professores: missão (im)possível. *Revista da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação – Investigar em Educação*, nº3, 57-127.
- MOREIRA, M.^a A. (2005). *A investigação-acção na formação em supervisão no ensino do Inglês: Processos de co-construção do conhecimento profissional*. Braga: Instituto de Psicologia e Educação – Centro de Estudos em Educação e Psicologia.
- MOREIRA, M.^a A.; DURÃES, A. C.; & SILVA, E. (2006). Escrita e supervisão: o diário colaborativo como discurso e prática de emancipação. In F. Vieira; M. A. Moreira; I. Barbosa; M. Paiva & I. S. Fernandes. *No caleidoscópio da supervisão: imagens da formação e da pedagogia*. Mangualde: Edições Pedagogo, 129-150.
- RIBEIRO, D. & MOREIRA, M. A. (2006). *Onde acaba o Eu e começamos Nós...diários colaborativos de supervisão e construção profissional*. Comunicação apresentada no Colóquio EU e o OUTRO. Porto: Faculdade de Letras.
- RIBEIRO, D. (2006). *A investigação-acção colaborativa na formação de supervisores: Um estudo no contexto da Educação de Infância*. Tese de doutoramento não publicada. Braga: Universidade do Minho.
- RIBEIRO, D. (2006b). Observação e registos sobre práticas: O diário colaborativo como estratégia de construção do saber profissional. Comunicação apresentada no XIV Colóquio AFIRSE. Lisboa: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- SÁ-CHAVES, I. (2000). *Formação, Conhecimento e Supervisão: Contributos nas Áreas de Formação de Professores e de Outros Profissionais*. Aveiro: Unidade de Investigação, Didáctica e Tecnologia na Formação de Formadores, Universidade de Aveiro.
- SÁ-CHAVES, I. (2002). *A Construção de Conhecimento pela Análise Reflexiva da Praxis*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- SÁ-CHAVES, I. (2003). *Formação de professores: interpretações e apropriação da mudança nos quadros conceptuais de referência*. Escola Superior de Educação de Santarém.
- TAVARES, J. (1992). *A Aprendizagem como Construção de Conhecimento pela Via da Resolução de Problemas e da Reflexão*. Aveiro: CIDInE.
- VAN MANEN, M. (1999). *Researching lived experience: human science for an action sensitive pedagogy*. London: Ontario: State University of New York Press.

- VIEIRA, F. (2005). Pontes (In)visíveis entre Teoria e Prática na Formação de Professores. In *Currículo sem Fronteiras*, V. 5, nº 1, 116-138.
- VIEIRA, F. (2006). Para uma pedagogia transformadora na formação pós-graduada em supervisão. In F. Vieira; M. A. Moreira; I. M. Paiva; & I. S. Fernandes. *No caleidoscópio da supervisão: imagens da formação e da pedagogia*. Mangualde: Edições Pedago, 151-187.